

# Um tributo a Moacyr Scliar

Dina Lida Kinoshita

Páginas 3 e 4



Foto: Sara M. Gruman

## E MAIS...

**2 EDITORIAL**  
O prisma adequado

**5 POLACAS**  
Os ciclos da vida  
BEATRIZ KUSHNIR

**6 SECURON**  
Um *shtetl* na Bessarábia (parte 1)  
MOTL POLANSKY

**8 MUNDO ÁRABE**  
Quem ganha e quem perde  
PAULO GABRIEL HILU DA ROCHA PINTO

**10 BECO DA MÃE**  
O Judeu Errante  
HENRIQUE VELTMAN



**11 NOTAS**

## CICLO DE CINCO ENCONTROS EM MAIO

### Os Judeus no Rio

- **Dia 5, 5ª feira, às 19h30**  
Origens da comunidade judaica no Rio de Janeiro  
Com os professores Flavio Limonic e Fania Fridman
- **Dia 12, 5ª feira, às 19h30**  
Vida política e a criação de instituições de ensino dentro da comunidade  
Com os professores Henrique Samet e Sonia Kramer
- **Dia 19, 5ª feira, às 19h30** – Histórias dentro da História (I)
  - *As polacas*  
Exibição do documentário *Aquelas Mulheres* e exposição da escritora Esther Largman
  - *Os imigrantes judeus egípcios*  
Exibição de documentário com depoimentos de imigrantes judeus do Egito e exposição da professora Joëlle Rouchou
- **Dia 26, 5ª feira, às 19h30** – Histórias dentro da História (II)
  - A comunidade judaica nos bairros da Leopoldina  
Com a jornalista Heliete Vaitsman, colaboradora do Boletim ASA
  - A comunidade judaica nos bairros da Central  
Com as diretoras do Museu Judaico Ana Antabi e Rachel Niskier
  - A comunidade judaica do Rio: hoje e amanhã  
Com o vice-presidente da FIERJ Helio Koifman
- **Dia 29, domingo, às 17 h**  
Exibição do filme *Judeus de Nilópolis*  
Comentários do diretor, Radamés Vieira.

#### Preço do ciclo:

R\$ 30 (sócios quites com as trimestralidades) e R\$ 40 (não sócios). Aulas avulsas: R\$ 15

EDITORIAL

# O prisma adequado

A tragédia do último 7 de abril, na Escola Municipal Tasso da Silveira, quando um ex-aluno matou 12 adolescentes e, segundo a Polícia, se matou, desencadeou forte debate na sociedade. Em uma extremidade, uma célebre jornalista disse não querer carregar a culpa desta fatalidade sobre a qual a sociedade não tem nenhuma responsabilidade, por ter sido articulada por um doente mental. Em outra, alegando discutir a segurança nas escolas públicas, houve quem responsabilizasse o porteiro por permitir a entrada do jovem sem nenhuma revista, e os professores, por ter o assassino conseguido recarregar a arma e circular pela escola. Esqueceram que, no ano passado, uma escola particular e conceituada de um bairro nobre da cidade recebeu em sala de aula um intruso, vestindo uniforme emprestado pelos amigos.

A necessidade da mídia e da sociedade de apontar conclusões rápidas apenas contribui à formação de preconceitos, como contra o sujeito calado, sem namorada, ou leitor do Corão, que teria inspirado o assassino. A espetacularização da violência, criando a ideia de que o assassino mora ao lado, alimenta a cultura do medo e pode até influenciar e contribuir para a formação de outros psicóticos ávidos por ganhar visibilidade.

Por que a escola, espaço que esperamos ser de acolhida e socialização, se tornou alvo do assassino? Faltam em diversas escolas municipais do Rio, devido à inexistência de concursos públicos para a função, orientadores educacionais para atuar sobre os conflitos escolares e atender os alunos carentes ou com problemas de aprendizado. Os professores, por sua vez, encaram quase impotentes os resultados do modelo da aprovação automática, adotado nos últimos anos, e o excessivo número de alunos por turma. A falta de inspetores e a alta rotatividade das equipes criam mais obstáculos à qualidade do trabalho nas escolas.

Precisamos, ainda, retomar a discussão sobre a facilidade da compra de armas e o aprendizado de seu uso no Brasil.

O episódio propicia um sem-número de discussões na área da psiquiatria e das nossas instituições, desde que levantemos as questões sob o prisma adequado. ■

## Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 – Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260-001  
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740  
Home page: [www.asa.org.br](http://www.asa.org.br) e-mail: [asa@asa.org.br](mailto:asa@asa.org.br)

**Presidente** Mauro Band

**Vice-presidentes** Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky

**Secretárias** Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

**Tesoureiros** Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

**Diretores** Jacques Gruman, Clara Goldfarb,  
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: [www.asa.org.br](http://www.asa.org.br)  
e-mail: [asa@asa.org.br](mailto:asa@asa.org.br)

### Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

**Colaboradores do Boletim:** David Somberg, Esther Kuperman, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

**Programação Visual:** Hama Editora

**Impressão:** Stamppla

**Tiragem:** 2.200 exemplares

**Capa:** Moacyr Scliar autografa exemplar no lançamento de *Entre Moisés e Macunaíma* na ASA, em 9/11/2000

*As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.*

## NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



Estes dançam



Regente Claudia Alvarenga

Estes cantam

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30  
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -  
Quinzenalmente, terças, às 15h30

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h  
AULAS DE ÍDISH - Quinzenalmente, quintas, das 19 às 20 horas,  
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

# Vida, obra e a questão social

Dina Lida Kinoshita / Especial para ASA

Moacyr Scliar (1937-2011) nasceu em Porto Alegre, no seio de uma família judaica “progressista” cujos expoentes eram o pintor Carlos Scliar, combatente da Força Expedicionária Brasileira, Esther Scliar, musicóloga da fase nacionalista da música clássica brasileira, ambos militantes do PCB, e seu tio Henrique Scliar, imigrante que fazia parte dos círculos de simpatizantes do PCB descritos por Leôncio Basbaum no livro *Uma vida em seis tempos*. Para estes judeus “progressistas” pertencentes aos estratos populares, a questão cultural era central na medida em que era considerada indispensável para orientar uma prática transformadora da realidade. Havia fome de cultura e se forjavam verdadeiros autodidatas eruditos, para os quais nada do que é humano era indiferente. Possuíam uma presença ativa e militante, adotando uma atitude de entrega às melhores aspirações populares. Num caminho de vai e vem, abraçavam todas as causas condutoras ao arraigamento à nova terra e, ao mesmo tempo, preservavam os valores político-sociais, humanistas e literários adquiridos em suas terras natais da Europa Oriental.

Moacyr Scliar bebeu ainda menino nestas fontes, mas, sob o impacto do

Holocausto, como muitos jovens de sua geração, se dividia entre o nacional e o social. Isto é, construir o socialismo num “lar nacional judeu” ou fazer a revolução no Brasil. Acabou optando por uma militância no movimento juvenil da esquerda sionista que se considerava marxista, o Hashomer Hatzair (Guarda Jovem), sem nunca ter deixado seus vínculos muito afetivos com a esquerda não sionista.

Formado em Medicina, não por acaso escolheu a docência e o exercício da Saúde

## Não por acaso escolheu a docência e o exercício da Saúde Pública como sanitarista.

Pública como sanitarista. A solidariedade, o pensar no coletivo falaram mais alto que uma brilhante carreira de prestígio. Mas acabou se notabilizando como escritor e foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Moacyr Scliar foi um dos mais prolíficos escritores brasileiros contemporâneos e, aparentemente, escrevia a respeito de assuntos muito díspares.

No entanto, pode-se vislumbrar um fio condutor em toda a sua obra. Dedicou uma parte expressiva de sua produção à literatura infanto-juvenil, o que se coaduna com seu interesse pela educação. Escreveu obras sobre Saúde Pública onde se destaca a biografia de Oswaldo Cruz. Mas as mais conhecidas são os seus romances, contos e crônicas. E neles, perpassa a busca pelas origens, reminiscências de infância, a questão ética e o ser político e social.

Não cabe fazer neste espaço um resumo de toda a sua obra e muito menos fazer análise literária – apenas destacar as obras mais representativas desta busca definida acima.

Seu romance de estreia, com cunho autobiográfico, *A guerra no Bom Fim*, (1972) relembra a vida de um menino que vivia com a família na Porto Alegre dos anos 1940, no bairro Bom Fim, como os imigrantes judeus vindos do Leste Europeu. Ao mesmo tempo em que ia aprendendo as coisas da vida nas ruas do bairro, também iam chegando as notícias angustiantes da 2ª Guerra Mundial, onde a maioria havia deixado parentes e amigos.

9/11/2000 - Sara M. Gruman



Moacyr Scliar no lançamento de *Entre Moisés e Macunaíma*, na ASA

**ber  
vel**  
Bervel  
empreendimentos

Administração de condomínios  
Locação de imóveis  
Assessoria imobiliária

---

Centro: 2212-6100  
Fax: 2212-6101  
Barra: 3321-5871 / 3325-4241  
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

*Os voluntários* (1979) reúne como personagens um grupo quixotesco que busca o inatingível. E sua incrível armada está metida numa empreitada desastrosa para levar um moribundo a Israel. O objetivo da viagem é permitir ao moribundo conhecer a cidade de Jerusalém antes de falecer. Mas no fundo a história reproduz o conflito do Oriente Médio sob a ótica da Rua Voluntários da Pátria, centro comercial de Porto Alegre.

Em *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), conta a tumultuada história dos cristãos-novos vindos ao Brasil através dos tempos, e n' *O ciclo das águas* (1975), Moacyr Scliar tem a coragem de abordar pela primeira vez um assunto tabu na comunidade judaica, até então: trata-se da história das “polacas”, meninas judias trazidas da Europa sob vários pretextos pela máfia judaica, Tzvi Migdal, para, na verdade, serem forçadas a se prostituir nos cabarés e nos bordéis da América, terra esta que constituía o sonho dourado das comunidades pobres do Leste Europeu.

*O exército de um homem só* (1973) é um preito ao tio Henrique, que na juventude fora o único propagandista do projeto stalinista de transformar a região autônoma do Birobidjan (União Soviética), num lar nacional dos judeus. Mas, num belo texto publicado no *Zero Hora* de 2 de junho de 1990 –, Moacyr Scliar afirma que entre os que fundaram o Clube de Cultura de Porto Alegre “se destacava a figura lendária de Henrique Scliar, meu tio. O tio Henrique, como todos o conheciam, construiu o clube com suas mãos. Literalmente: muitas vezes o vi no meio dos operários, carregando tábuas ou baldes de cimento. E o fazia, em primeiro lugar, pela fé que depositava no empreendimento; depois, pela veneração com que os velhos militantes encaravam o trabalho dos obreiros; e por último, porque cultura era sua vida. Cultura foi, numa época, a religião da esquerda. O Clube de Cultura representava um capítulo da longa e tormentosa história das relações entre esquerda e judaísmo.

Uma história que começou cheia de esperanças – a Revolução Russa prometia aos judeus uma completa emancipação – en-

trou num período sombrio com o stalinismo, e chega agora a uma fase indefinida, em que a tolerância da Perestroika convive com o velho antisemitismo eslavo.

A União Soviética emergia da 2ª Guerra como a força que havia derrotado os nazistas, e os crimes de Stalin não haviam sido divulgados. O fim do sonho comunista foi um golpe, mas o sonho que ela representava permanece vivo.”

Em outro depoimento, Moacyr Scliar, mesmo que de forma generalizante, ao comentar o grupo progressista gaúcho do qual fazia parte seu tio Henrique, entende “que a perspectiva de militância de grandes parcelas judaicas europeias dentro de ideais socialistas era feita “não da maneira

### Vislumbra-se a tradição do conto judaico na literatura brasileira.

maquiavélica que daria origem ao stalinismo, mas à luz de uma tradição ética que, vinda dos profetas bíblicos, pode ser ainda detectada na obra do jovem Marx”.

É bem provável que esta seja a fonte dos livros que o autor escreveu sobre ética judaica, entre os quais se destaca o premiado *O centauro no jardim*. Uma narrativa ao mesmo tempo realista e fantástica, onde o protagonista busca a verdadeira natureza do ser humano e sua luta contra a alienação.

Mas o autor não esquece a temática brasileira representada por *Uma história farroupilha* (2004), em que o mais longo conflito interno da nossa história serve de palco para a conquista e colonização de áreas ainda pouco exploradas do território gaúcho, com ênfase na decisiva contribuição dos povos imigrantes para a riqueza cultural e sócio-econômica do Brasil.

Em *Mês de cães danados* (1977) narra a saga de um estancieiro dos pampas cuja vida atribulada o leva à sarjeta de Porto Alegre. O pano de fundo são os dias tensos da renúncia do presidente Jânio Quadros, a crise institucional instalada e o papel de Leonel Brizola nos dias que antecedem a posse de João Goulart na presidência.

*Os vendilhões do Templo* (2006) tem início com a parábola cristã da Antiguidade que trata das relações entre crença e poder, interesses e ideais. Mas de forma emblemática a história culmina no Brasil dos primeiros anos do século 21. Embora seja denunciada a corrupção numa pequena cidade gaúcha, o livro vem à tona em tempos de “mensalão”.

*A majestade do Xingu* (1997) talvez seja a síntese de tudo que tocava mais de perto o coração de Scliar. É uma homenagem a Noel Nutels, imigrante judeu, grande sanitarista, vinculado ao PCB, que consagrou sua vida a cuidar dos indígenas brasileiros.

Mas a grande surpresa é seu último romance, de temática genuinamente brasileira, *Eu vos abraço, milhões* (2010). O texto envolve, direta e indiretamente, personagens e delírios da cultura política comunista no Brasil; um deles em especial: Astrojildo Pereira. Apesar disso, o livro é construído à maneira da maioria das obras de escritores judeus que se expressavam em ídich, constituídas de narrativas centradas num único personagem, na forma de monólogos, sendo Scholem Aleichem o grande mestre do gênero. *Têvie, o leiteiro* é composto por vários contos concebidos como monólogos, em que o personagem Têvie se dirige a Scholem Aleichem para lhe narrar todas as suas atribuições ao longo da vida, e se inicia com uma carta do personagem ao escritor. E o personagem de Scliar escreve uma carta para o neto relatando episódios de sua longa vida num monólogo.

Levando-se em conta que Scholem Aleichem escreveu um conto chamado *Se eu fosse Rothschild* e Scliar tem um conto com o mesmo nome, o humor no meio da desgraça dos seus personagens preferidos, os *gauche* da vida, vislumbra-se a tradição do conto judaico na literatura brasileira. ■

\* *Meus agradecimentos a Airan M.*

*Aguiar por ter me fornecido este texto de Moacyr Scliar.*

**Dina L. Kinoshita**, professora doutora, é membro do Conselho da Cátedra UNESCO de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância – IEA USP.

# Os ciclos da vida

Beatriz Kushnir / Especial para ASA

*Em memória do  
amigo Moacyr Scliar*

Quarenta e dois anos separam a primeira vez que fui ao Cemitério Israelita de Inhaúma do dia de hoje. Depois de uma longa e tortuosa caminhada, recheada de inúmeros bons encontros e parceiros, adentro o Cemitério das Polacas e vejo, sobre algumas lápides, uma placa de mármore branca, com uma Estrela de Davi ao centro, o nome de quem ali está sepultado, a data do óbito e o número que este sepultamento representa na cronologia dos sócios da Associação Beneficente Funerária Religiosa Israelita.

A identidade daquelas pessoas está sendo respeitada, com este restauro. Isso é o mais importante! Demarca-se assim o término de uma longa batalha. Podemos nos considerar vencedoras, um trabalho acadêmico rompeu os muros da universidade e transformou uma dada realidade.

É claro que toda esta trajetória expôs e expõe as dificuldades e intransigências da direção (retrógrada e autoritária) da Federação Israelita do Estado do RJ - FIERJ e da Sociedade Cemitério Comunal do Caju. Um processo que poderia ter sido agregador, como em São Paulo, está se realizando no silêncio de quem se sentiu obrigado a restaurar e preservar, sem novos usos, um lugar que preferia ver esquecido.

Haverá sempre temas que fazem nossos sentimentos transbordarem de emoção. O meu é a questão da memória das polacas, narrativa que está na minha vida desde sempre, literalmente.

Vinha tentando, inutilmente, sensibilizar a FIERJ e o Comunal Israelita a recolocarem os nomes e as datas nas lápides daquele cemitério. Ao ser alertada da intenção de se murar as lápides de Inhaúma (com árvores, segundo eles) e assim “purificar” ortodoxamente o território, permitindo novos enterramentos e definitivamente condenando as polacas a párias, consegui junto à Prefeitura do Rio o tombamento (provisório) do cemitério, em 2007, e o definitivo em 2010. Estava cansada da soberba destes representantes



Foto: Zeca Linhares

Lápides no Cemitério Israelita de Inhaúma

comunitários que talvez se esqueçam de que o fim de todos é o mesmo.

Curioso é que para nós, judeus, a *mitsvá* – o ato de bondade –, como enterrar o corpo de um desconhecido, por exemplo, é um preceito dos mais estimulados. Ao que parece, infelizmente, para a FIERJ e para o Comunal Israelita, há um preço para essas *mitsvot*. Estavam ensinando aos nossos descendentes que, diferentemente das polacas enterradas em Inhaúma, cujo lema era “As Irmãs do Chesed shel Emet” – da Caridade de Verdade, aquela que não busca a recompensa –, não se ajudará o próximo sem levar uma vantagem nisso.

Ou seja, ou aproveitavam o terreno vago, cercando as lápides existentes com “cercas-vivas” (que são muros), “purificando” o espaço, e só assim, para não chocar os futuros visitantes, recolocariam as identidades nos túmulos, ou, não recebendo qualquer benesse, não se faria essa *mitsvá*. Para a FIERJ e para o Cemitério Comunal Israelita, as pessoas que ali estão não mereciam importância, preocupação e dignidade. Poderiam continuar, como muitas, sem *matseiva* – sem uma pedra

tumular –, no cimento, apenas marcado com colorjet preto o seu primeiro nome (sem sobrenomes, é claro!).

O mais irônico é que o Cemitério Israelita de Inhaúma não precisaria da bondade com preço, da FIERJ e do Cemitério Comunal Israelita. A última “Irmã Superiora” da Associação das polacas cariocas, dona Rebecca, está enterrada em área nobre do lotado e concorrido Cemitério Israelita do Caju. Não há no entorno de sua lápide qualquer cerca-viva. Tornou impuros, nesta visão retrógrada, seus companheiros de “última morada”. A transferência dos restos mortais de dona Rebecca para o Cemitério Israelita de Inhaúma e a venda de seu espaço no Caju, tenho certeza, pagariam a recolocação das identidades de suas amigas. E, além disso, o Cemitério Israelita de Inhaúma poderia permanecer como um sítio histórico. Esse, creio, é o caminho mais justo, humano e digno.

A tradição judaica reconhece a democracia da morte, estabelecendo que todos os judeus sejam enterrados com uma mortalha branca simples. Ricos ou pobres, todos são iguais neste momento final. Há quase 2 mil anos, rabi Gamaliel instituiu essa prática. Imbuída desse espírito, espero participar em breve de uma descoberta de *matseiva* coletiva, como a que o rabino Sobel realizou para elas no Cemitério Israelita do Butantã, em 2000. Nesse momento, rezaremos *El malé rachamim* em memória das mulheres sepultadas no Cemitério Israelita de Inhaúma. Que cada uma delas descanse em paz.

Mas o sentimento de mágoa é o que menos me importa, neste momento em que, finalmente, as lápides de Inhaúma recebem suas identidades. O fundamental são os que estão enterrados na Rua Piragibe, 99. Tornaremos, sem dúvida, aquele espaço mais acolhedor, é uma promessa realizável! Para mais, ver: <http://polacas.blogspot.com/>. ■

**Beatriz Kushnir**, pós-doutorada (sênior) junto ao Departamento de História/UFF, é diretora-geral do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

# Um *shtetl* na Bessarábia (Parte I)

**Motl Polansky**

*O autor relata aspectos da militância socialista da juventude judaica de sua cidade natal, hoje chamada Sokiriani. O texto que começa a ser publicado em capítulos pelo Boletim ASA, em tradução de Isaac Acselrad – diretor da ASA por mais de 20 anos – foi publicado originalmente em ídish, nos anos 1970, pela revista Sovetish Heimland.*

Securon. Por si só, é um mundo com uma história própria. Antigamente, muitos anos atrás, esta cidadezinha da Bessarábia, junto com a aldeia vizinha e mais todos os campos e florestas, pertenciam ao General Manco. Os velhos ainda se lembram do tempo em que começaram a construir esta cidadezinha. Ali nasceu a Rua da Sinagoga, onde antes havia um campo verde. No lugar onde hoje se encontram a feira e a praça central, antigamente pastavam cavalos, vacas e carneiros que pertenciam ao General. Este fazendeiro – o General Manco – na verdade nunca foi general. Era um mutilado das duas pernas que, junto com a herança de seu pai, herdou o título de General. Seu pai, o velho General, morava em Petersburgo, perto do palácio do tsar. Raramente aparecia em Securon. Vinha apenas para dar uma espiada em seus bens e acertar contas com administradores e empregados. Quando o velho general morreu, trouxeram-no de Petersburgo para Securon e o enterraram com toda a pompa no interior da Igreja onde jaziam já muitos de sua dinastia. Me lembro muito bem do General Manco. Tinha um rosto todo amarrotado, irritado e cruel. Era de cor parda como os ciganos e tinha um nariz largo e achatado como o de um buldogue. Todo mundo tinha medo dele. Um medo mortal. Ele costumava sair a passeio em uma carruagem aberta puxada por quatro cavalos. No verão, usava um paletó branco e um brasão no boné. No inverno, ele se enrolava em uma pele de carneiro, e se alguém se atrevesse a não cumprimentá-lo ou não se inclinasse o suficiente, brandia com força as muletas e berrava com voz rouca, praguendo e ameaçando. O seu cocheiro, um camponês alto que se enrolava em um agasalho de veludo preto amarrado com um largo cinto vermelho, pulava da carruagem e corria atrás do faltoso, ameaçando-o com o chicote e erguendo as muletas do General. De vez em quando, o General Manco gostava de fazer brincadeiras de mau gosto. Man-



**“Mótele, sinte e inspire bem o ar! O tsar foi deposto!”**

dava chamar os moradores que já haviam construído e pago suas casas, dizendo-lhes que não tinha nada contra eles, que sabia que suas casas estavam pagas, mas que fizessem o favor de se retirar para onde quisessem, desde que deixassem livre o terreno que lhe pertencia.

Conta-se que, quando os engenheiros começaram a planejar a construção de uma estrada de ferro em Securon, o General Manco negou permissão. Não deixaria que cortassem seus campos. E eles foram mesmo obrigados a construir a linha bem longe da cidade. Os cocheiros que transportavam passageiros para outras cidades, e que tinham que enfrentar em noites escuras as estradas enlameadas pelas chuvas, e no inverno as tempestades de neve, amaldiçoavam o General quando vivo e também depois de morto. O Manco não tinha negócios com os habitantes da cidade, a não ser com alguns

comerciantes que forneciam alimentos, tecidos e outros produtos, e também com alguns intermediários e corretores que para ele fechavam negócios, arrendavam terras, vendiam seus cereais e suas frutas. Em particular, ele se dava muito bem com um proprietário de terras judeu – faziam negócios, realizavam bailes e se convidavam mutuamente para festas.

O velho casarão onde o Manco morava tinha um só andar, mas parecia um verdadeiro palácio. Encontrava-se no meio de um pomar cercado de flores por todos os lados e de um muro bem alto. Em toda a sua extensão arrastava-se uma estrada larga e poeirenta que se dirigia para as aldeias vizinhas. Nas noites de sábado, no verão, os moradores saíam a passear levantando poeira até os céus. Chamavam a isso aspirar o ar limpo que vinha das frutas e das flores do pomar do General. Assim aconteceu até chegar o ano de 1917.

O que significa uma pequena cidade em um mundo enorme? E onde é que não há anseios de liberdade e de alegria? A cidade de Securon estava muito agitada naqueles dias tempestuosos. Manifestações, concentrações, comícios, cantos. O casarão fervia... Nele se formou o primeiro comitê revolucionário. O pomar – aquele pomar

que parecia um paraíso – estava cheio de gente. Eu sentia vertigens e estava aturdido. Não me fartava de ver tantas bandeiras, inscrições e fitas nos braços e lacinhos nas lapelas. Minha avó morava conosco. O vovô tinha morrido ainda jovem, deixando-a com muitas crianças, dispersas em vários lugares. Ela gostava muito de mim. Eu era o neto mais velho, filho de sua filha mais velha. Eu também gostava muito dela. Foi ela quem me trouxe ao pomar, segurando-me firme pelo braço para não me perder no meio da multidão. Inclinando-se, ela me alertou: “Mótele, sinte e inspire bem o ar! O tsar foi deposto!”

Depois vieram dias difíceis. À noite tinha-se medo de ir dormir, ouviam-se gritos e tiros. A todo momento bandos faziam pogroms na cidade. Um parente de meu pai que morava na Rua da Feira, onde havia assaltos a toda hora, veio com toda a sua família e todos os seus pertences para a nossa casa, onde passaram toda a noite acordados. Durante o dia, as ruas ficavam vazias, despovoadas. Nada de manifestações, de gritos de hurra nem de canções alegres. O que é uma pequena cidade em um mundo enorme? Onde é que não existe a dor de uma ilusão pisoteada? Rapidamente, apareciam soldados romenos que corriam desordenadamente com as armas nas mãos, de casa em casa, de rua em rua, falando uma língua que ninguém entendia. Uma só palavra gravou-se em minha mente: “Bolchevique.” Eles arrebatavam portas e demoliam paredes procurando “bolcheviques”. Eu não compreendia o que estavam procurando, porque carregavam nossas colchas e cobertores, metendo as mãos nos potes de geleia de morango, enchendo a boca e gritando: “Bolchevique.” O meu coração se rasgava quando via meus pais em casa assustados e fitando-se com olhar triste.

O primeiro comandante romeno, Kitzinescu, logo ganhou em nossa cidade o apelido de “animal esfomeado”. Ele amedrontava a cidade com mais e mais novas ordens. Todos os dias exigia que se trouxessem novas coisas, como roupas, couros e joias. Assim que apareceu na cidade, mandou que todos os homens se reunissem na praça. Num discurso eloquente, bradou até ficar rouco, mas ninguém entendeu o que ele queria. Só com a ajuda de um judeu que sabia um pouco de romeno compreenderam a

doutrinação de Kitzinescu. “O mundo é Deus, o Rei e eu”, bradava. E apontava com os punhos cerrados: “Entreguem os bolcheviques. Entreguem todos os que vocês estão escondendo.”

Naquele dia choveu muito. A lama era farta. Todos lá ficaram o dia inteiro. Só ao anoitecer Kitzinescu ordenou aos jovens que voltassem para casa. Com os velhos, começou a fazer suas peripécias. Obrigou-os a dançar na lama e a cantar canções judaicas. Meu pai se colocou entre os jovens e voltou cedo para casa. Minha avó andava de um lado para outro soluçando porque seu filho Schaia, de 20 anos, ainda não havia voltado. Acontece que meu tio Schaia, querendo ser mais esperto que o comandante, havia se colocado entre os mais velhos, calculando que os velhos seriam poupados. Ele apareceu em casa todo enlameado, todo ensanguentado, chorando e soluçando como uma criança. Gritava que ia fugir mundo afora, que não queria mais ver aqueles bandidos. Não parava de chorar. Em breve, embarcou

### A todo momento bandos faziam pogroms na cidade.

para além-mar. Escrevia muitas cartas, com imensa saudade de casa. Só não voltava porque Securon era então o governo de Kitzinescu, e isto ainda o amargurava.

Depois veio a véspera do Iom Kipur. Na cidade todos se preparavam para o Kol Nidre. De repente, um tumulto. O comandante havia ordenado a seus soldados que expulsassem todos os homens de suas casas, ajuntando-os na praça, atrás do casarão, e só deixando nas casas as crianças pequenas. Fiquei cuidando das outras crianças, morrendo de medo e olhando silenciosamente pela janela, vendo as ruas desertas e os soldados montados em seus cavalos, correndo como selvagens com os chicotes nas mãos. As patas dos cavalos golpeavam com suas ferraduras os degraus das casas e dos sobrados. Encontrando alguém em casa, eles o espancavam até a morte. Atrás do casarão, um esquadrão de cavalaria cercava o povo, tentando ajuntá-lo e comprimi-lo cada vez mais. Mulheres desmaiavam e homens choravam em voz alta: “O que

será de nós, o que eles querem de nós?” Kitzinescu, montado em seu cavalo, anunciava que mataria todos como cachorros. Os judeus iam ficar sabendo o que é esconder os “bolcheviques”. Ao anoitecer, ficou mais brando, dizendo que por enquanto chegava e que o resto ele deixaria para depois. O povo saiu em disparada, correndo para suas casas, sem olhar para trás. Alguns correram diretamente para a sinagoga para lá derramar seu coração amargurado. Mas veio a ordem de Kitzinescu: nada de rezar, nada de se reunir na sinagoga. Um raro decreto. Pela primeira vez as sinagogas ficaram desertas. Pela primeira vez o povo não pôde cantar o célebre *Kol Nidre*. Os fazendeiros romenos assaltaram os bens dos bessarábios, ávidos como gafanhotos. Em seguida, começou a infame romenização. Por toda parte debochavam da população, colando cartazes e distribuindo panfletos com a frase “Fale somente romeno”. Por alguém não compreender o que um funcionário romeno dizia, ou por não conseguir responder, voavam bofetadas e insultos. Como a Bessarábia já estava no limiar de novos tempos e como já se ouvia o eco dos levantes dos camponeses contra a dominação romena, o governo se assustou. Com medo de a revolta se alastrar pelo país, o primeiro-ministro Ioan Bratiano mandou afogar a revolta em sangue.

O casarão de Securon com seu pomar tornou-se novamente um terror para a população. A gendarmeria lá se instalou e para lá arrastava toda noite dezenas de suspeitos. Quanta perversidade e quanta crueldade. Quantos heroicos lutadores lá foram torturados e quanta coragem eles demonstraram. Por toda a Bessarábia ardia a nostalgia que havia deixado atrás de si a tempestade de 1917. Assim como as plantas se voltam para o sol, assim como os riachos se estendem para o mar, assim todos se voltavam para a claridade sonhada que já estava tão perto. O olhar se dirigia para lá, o outro lado do Dniester.

Nesse grande movimento que se desenvolveu na Bessarábia, Securon também teve a sua parte. Se for possível recordar o início, se for possível falar de uma clara linha fronteiriça onde nascem os acontecimentos históricos, então o despertar de Securon para sair da pobreza deu-se na Rua dos Açougues, nos anos 1920. ■

(continua no próximo número)

# Quem ganha e quem perde

*O texto a seguir é a transcrição condensada da palestra do professor **Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto** na ASA, em que dividiu a mesa com o professor **Bernardo Kocher**, no dia 27 de março (leia Nota na pág.11).*

O movimento de caráter antiautoritário que começou no norte da África e se espalhou por todo o chamado Mundo Árabe é totalmente inesperado. A Tunísia, onde o movimento se iniciou, tinha uma ditadura considerada “perfeita” em termos de controle do espaço público e dos indivíduos, com capacidade de cooptação e de intimidação bastante forte. Membros do serviço secreto chegavam a intimidar palestrantes em Paris, Londres, Washington, em eventos que tinham como tema a Tunísia, o que mostra também a convivência de países ocidentais com algumas das ditaduras árabes.

As ditaduras têm origem no projeto político autoritário que se desenvolve dentro do nacionalismo árabe em oposição aos regimes liberais existentes no Egito, no Iraque, na Síria entre os anos 1920 e 1950. Esses regimes liberais serviam como fachada para uma permanência da situação colonial, como nos casos do Egito e do Iraque – onde a economia era controlada pelos ingleses –, ou para o controle do poder por uma oligarquia, caso dos proprietários de terra e da elite comercial na Síria.

A maioria dos regimes autoritários que surgem com a vitória da versão revolucionária do nacionalismo árabe era comprometida com uma visão socialista da economia. No início, eles fazem reformas estruturais – como a reforma agrária, a nacionalização de empresas estrangeiras e uma certa distribuição de renda –, contam com um capital político bastante forte, e a sua ascensão se dá em cascata: em 1952 no Egito, em 1958 no Iraque, em 1963 na Síria. Em 1958, a primeira guerra civil libanesa leva o Estado para a área do nacionalismo árabe. O rei da Jordânia também é obrigado a fazer concessões no sentido de alinhar o seu governo com o nacionalismo árabe.

Esses regimes chegam ao poder com lideranças carismáticas e instauram uma ordem política extremamente autoritária e controladora, cujo pilar é a organização

de polícias secretas que vigiam a sociedade e toda a vida política. O modelo de autoritarismo adotado é o soviético, que implicava o fim de todos os partidos políticos que pudessem se opor à liderança no poder.

Essa situação dura até os anos 1970, quando a crise econômica, a falência do modelo estatizante, a crescente repressão à sociedade, a falta de canais de expressão da insatisfação, as derrotas militares diante de Israel, a perda de territórios e a colonização israelense dos territórios palestinos fazem com que o nacionalismo

## Há outros fatores além da crise econômica.

árabe perca apoio e legitimidade.

O primeiro movimento de contestação a esses regimes ocorre entre a década de 1970 e o fim dos anos 1980, quando os grupos islâmicos se organizam no Egito, na Síria, no Iraque. Quem adota a luta armada é basicamente a classe média profissional e de funcionários do Estado, principalmente os professores. A revolução no Irã, em 1979, dá um grande impulso a essa luta. No entanto, nenhum dos movimentos islâmicos consegue alcançar o controle do Estado por via revolucionária no Mundo Árabe. A repressão estatal é extremamente violenta. Nesse momento de impasse, o autoritarismo árabe se recompõe.

Na década de 1980, na maior parte desses países, os movimentos islâmicos, para atrair o apoio popular que não tinham originalmente, passam da luta armada para a pregação moral e o serviço social. Os militantes islâmicos se dedicam à mobilização de associações profissionais e de bairro, coleta de lixo, conselhos de alfabetização. O Estado – como no caso da Síria – continua a controlar a política, mas abandona o sonho de reconstruir

a sociedade. Passa a cooptar lideranças sociais e tem na corrupção a moeda de troca. Por fim, temos sociedades bastante organizadas e Estados fracos.

Os Estados Unidos, apesar do interesse no petróleo, reorganizaram a sua política externa no Oriente Médio a partir dos anos 1990, de modo a apresentarem-na através de um enfoque securitário centrado nos seus aliados principais, Arábia Saudita e Israel. A segurança desses países era concebida em confronto às demandas das sociedades do Oriente Médio. Israel e Arábia Saudita recebem muito dinheiro e armas. No fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, outros países, como o Egito e o Iêmen, são armados e financiados para conterem as demandas de suas sociedades, vistas como uma ameaça à geoestratégia americana. Os Estados autoritários se infiltram na sociedade, prendem, torturam, matam. No Egito e no Iêmen, a presença opressiva do Estado fica muito clara.

Caso um pouco diferente, porque nunca se comprometeu com o socialismo árabe, sendo sempre uma economia de mercado, a Tunísia, como o Marrocos e a Argélia, sempre teve relações mais fortes com a França do que com os Estados Unidos. Mas, de certa maneira, seu regime se beneficia dessa organização da presença ocidental em termos securitários, porque a Europa também aposta no controle contra o perigo islâmico e a imigração ilegal. O regime da Tunísia recebe muito dinheiro e se torna presente em todos os aspectos da vida do cidadão.

Na década de 1990, época das reformas neoliberais e do desmantelamento do socialismo árabe, o Estado, cada vez mais repressor, oferece menos serviços e oportunidades. Os governos ditatoriais do Egito, Iêmen e Tunísia, entre outros países árabes, tendo doadores generosos lá fora – que exigem que não faça concessões às demandas sociais –, dependem menos de um pacto com a sociedade que da aplicação de políticas derivadas da geoestratégia americana e europeia.



No Egito, as arbitrariedades do Estado se tornam cada vez mais presentes para todos os grupos sociais. O Estado prende e se dá o direito de escolher qual código penal será aplicado: se o código militar inglês (que nunca foi revogado no país), a lei egípcia da época nasserista, as reformas legais da época de Sadat, ou as da época de Mubarak.

O sonho do nacionalismo árabe de universalizar e valorizar a educação não se realiza, nem a promessa de que todas as pessoas com diploma teriam uma carreira. Temos sociedades modernizadas e pessoas, produtos dessa modernização, sem nenhuma perspectiva. Apesar disso, Tunísia e Egito são considerados países exemplares pelo Fundo Monetário Internacional. O Egito cresce a um ritmo maior do que o Brasil. O problema não está no crescimento econômico, mas no que se faz com ele.

A crise econômica é um fator das revoltas no mundo árabe, mas há outros fatores de igual ou maior importância. Não é por acaso que essas revoltas estão acontecendo agora, depois da aventura americana no Iraque e do fracasso de 20 anos de negociações entre palestinos e israelenses. É um momento em que o poder americano começa a recuar no Oriente Médio. Com a debacle no Iraque, o sistema estratégico garantido pela presença americana chega a seu limite e começa a se esfacelar gradualmente. A percepção geral é que os americanos são um incômodo irrelevante, uma vez que não conseguem nem controlar seus aliados. Israel continua sua política de ocupação colonial da Palestina e submete os americanos a humilhações públicas, como o anúncio da construção de colônias judaicas em território palestino, no momento em que o vice-presidente

americano chegava a Jerusalém para mediar negociações entre israelenses e palestinos. A Arábia Saudita também parece cada vez menos controlável: além dos terroristas do 11 de Setembro, ela produziu uma invasão do Bahrein para acabar com os protestos pró-democracia, e os Estados Unidos alegaram não ter conhecimento da invasão ou de um acordo entre o Bahrein e a Arábia Saudita que teria legitimado a intervenção saudita.

O Egito, que se considera a sede do

### Em todas as revoltas aparece a indignação moral.

mundo árabe e do nacionalismo árabe, vê-se ligado a uma superpotência que não consegue controlar a situação regional, e, por conseguinte, também se torna uma irrelevância na cena política do Oriente Médio. A população se mobiliza contra o estado de corrupção total do governo. Um elemento que aparece em todas as revoltas é a indignação moral. Todas têm um caráter nacionalista. Vemos nas manifestações a ressignificação dos símbolos nacionais, como elementos de união e poder da sociedade. A religião está presente, mas não é um fator mobilizador – no Egito, a Irmandade Muçulmana levou dias para entender o que estava acontecendo.

O pan-arabismo também é reinventado em termos democráticos e participativos. As mensagens em árabe na internet, no twitter e outros meios ensinam as pessoas a confrontar os regimes. Os protestos se estendem do Marrocos ao Iraque. No

Egito, como efeito desses movimentos, os cristãos coptas, que durante décadas foram atraídos pelas ditaduras, voltam à política, participando ativamente da derrubada de Mubarak. Os atentados de janeiro, quando igrejas coptas foram atingidas por carros-bomba, com dezenas de mortos e feridos, serviram para afastar os coptas do regime, mostrando que a ordem autoritária não garantia a sua segurança. Na verdade, a única investigação realizada concluiu que a polícia egípcia estava envolvida nos atentados.

Entre os avanços obtidos pelos egípcios estão o fim da polícia secreta e as eleições, que já estão marcadas. Os tunisianos, por sua vez, conseguiram eliminar todos os antigos políticos, da época de Ben Ali. No Bahrein, a população inteira se uniu contra o regime, porém a revolta acabou sendo reprimida após a intervenção saudita no país, com cenas de violência tão brutais e criminosas quanto aquelas que vimos na Líbia. E, no entanto, ninguém falou em intervenção humanitária no Bahrein, mostrando a convívência dos países ocidentais com regimes como o da Arábia Saudita.

Em termos mais amplos, quem perde e quem ganha? Ganham as sociedades árabes, ao criarem processos políticos que, mesmo quando não derrubaram as ditaduras, mudaram a dinâmica de equilíbrio sobre a qual repousavam os regimes autoritários. Perdem todos os grandes jogadores: Estados Unidos, Israel – que preferiria Mubarak no poder – e o Irã – que estava preenchendo o vazio deixado pelos grandes países árabes e agora encontra novos competidores. Obviamente, a relação estratégica dos Estados Unidos e da Europa com essa região se mantém, mas ela também terá de se adaptar às novas realidades políticas. ■

Martins Associados - Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana  
Telefone: 2255-7491

Mauro Acselrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema  
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852  
E-mail: acselrad@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos  
Cerimonial e Logística - Buffet próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929  
E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

# O Judeu Errante

Henrique Veltman / Especial para ASA

**U**ma das lendas que mais me incomodam desde a infância é a do Judeu Errante.

No meu tempo de garoto, a gente se reunia sob a luz de um poste, na Rua Hilário Ribeiro, e ficava a trocar ideias. Era a academia dos meninos, pobres, mas interessados. E o tema religião, volta e meia, surgia no bate-papo. Os garotos, não judeus em sua maioria, tinham as maiores dúvidas e preocupações sobre Jesus, Judas e os judeus.

Não havia nenhum ranço antisemita, ao contrário. As poucas famílias judias do pedaço eram respeitadas e até invejadas. Mas o tema do Judeu Errante, confesso, me incomodava.

Só depois de adulto é que fui pesquisar a origem dessa lenda. Que conta a história do sapateiro judeu Isaac Lequedem, da tribo de Levi, conhecido também como Ahasvero. Ele recusou qualquer socorro a Jesus supliciado. E aí, reza a lenda, por essa falta de caridade, caminhará até o juízo final conforme a maldição divina.

Pesado, né?

Em 1228, um arcebispo da Grande Armênia, ao visitar o mosteiro de Saint-Alban, narrou a lenda de José ou Cartafilo, porteiro do pretório, que bateu em Jesus e foi condenado a esperar a volta do Cristo. Caindo em letargia, de cem em cem anos ele recupera sua aparência corporal do tempo da Paixão, isto é, 30 anos. Dá um ótimo roteiro de cinema ou televisão. Esse arcebispo diz ter almoçado com José. O escritor e religioso Mathieu, que viveu no século 13, recolheu a lenda e registrou-a, em 1252, na sua História Maior. Mas não revelou qual foi o cardápio do almoço de José com o arcebispo. Pena.

Uma carta em alemão, datada de 29 de junho de 1564, afirma que Paul d'Eitzen, doutor em teologia e bispo de Scheleszving, encontrou o Judeu Errante em Hamburgo, em 1542.

Em 1575, o José errante é encontrado na Espanha; apresenta-se aos Magistrados de Estrasburgo; Pierre Louvet o vê em Be-

auvais (1614). O advogado Bouthrays, na *Histoire de son temps*, observa que toda a Europa se ocupa com essa personagem.

Mas a lenda mais notável parece ser a de Jean Boutedieu, conhecida pelas cruzadas estabelecidas na Síria. É encontrada nos mistérios provençais, na canção de gesta de Ferrabras na qual o leproso Marcos bate em Jesus, e na Espanha sob o nome de Juan Espera-en-Dios. Philippe de Novare anotou-o no seu *Livre en forme de plait* (1250).

A vida tranquila de Cartafilo sucede a vida errante de Ahasvero. Mas o errante para nas vilas, professa, toma assento à mesa de Paul d'Eitzen. Esses dois homens

---

## A lenda conta a história do sapateiro judeu Isaac Lequedem, da tribo de Levi.

---

são tão diferentes que Droschen (Iena, 1668), Frantzel e uma brochura de 1645 são de opinião de que existem dois testemunhos da Paixão.

Mas aí por volta de 1800, o Judeu Errante não pode mais parar; possui apenas cinco soldos no bolso, que se renovam à medida que os vai gastando. Não deixa de ser uma boa...

É um timorato. Goethe pensa em tratar dessa lenda, mas Fausto, que também pode renascer, é muito mais humano.

Depois das obras anônimas, surgem as edições de *La chanson de Béranger*, a ópera de Scribe e Saint-Georges com a música de Halevy. Gérard de Ner traduz Schubart numa meditação filosófica.

Gustave Doré firma essa personagem que permite a Eugene Sue compor o primeiro romance-folhetim. Georges Méliès, em 1904, consagra-lhe uma curta-metragem cinematográfica e histórica; lendas relativas à Paixão encontram-se intercaladas nessa obra. Daí as obras de

Edgard Quinet (*Ahasverus*, 1834), do pensador judeu Edmond Fleg (*Albin Michel*, 1953), de Alexandre Arnoux (*Carnet de route du Juif Errant*, 1931). Depois deste livro, t'Serstevens criou seu encontro com Don Juan (*La Légende de Don Juan*, 1946); num diálogo cintilante, Don Juan torna-se o Judeu Errante do amor. Aí eu até gostei desse errante romântico...

Enfim, o Judeu Errante talvez tenha nascido da imaginação popular. Todavia, o castigo parece desmesurado em relação ao ato e dificilmente se compreende o rigor de Jesus, que, segundo os meus amigos cristãos, sabia perdoar. A lenda pode personificar a nação judaica, que deve viver entre os outros povos depois da destruição de Jerusalém por Tito. Pode ser o emblema da Humanidade, que caminha continuamente para um fim imprevisto. É a alegoria da guerra; a explicação mitológica transforma-a no vento que a conduz. É também um tema protestante, um testemunho certo que fortalece a fé, um testemunho em favor da veracidade dos fatos narrados nos Evangelhos.

A lenda permite aos autores traçar o quadro dos usos e costumes de cada país por onde passa; ou contar a chamada História Sagrada. Porém, a personagem, vencida por seu erro, não goza das alegrias mortais, as únicas alegrias que poderiam lhe ter criado na obra literária um lugar de destaque.

Enfim, muita coisa para pensar e discutir – e isso não estava na agenda dos meninos pobres da Rua Hilário Ribeiro, iluminados apenas pelo poste da Light. ■

---

**Henrique Veltman**, carioca, 74 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

O livro de quase-memória de Henrique Veltman, Do Beco da Mãe a Santa Teresa, pode ser adquirido na ASA, em algumas lojas da Livraria Cultura (SP) e pela internet, [hbveltman@gmail.com](mailto:hbveltman@gmail.com).

## Sefaradis

Durante quatro segundas-feiras consecutivas, de 14 de março a 4 de abril, a **ASA** apresentou o ciclo *Os sefaradis desvendam novos segredos*. Os debatedores expuseram temas caros à cultura e à tradição dos judeus sefaradis: “Do castellano ao ladino – a evolução da língua através das melodias sefaradis” (Cecília Fonseca da Silva e participação do *hazan* Alberto Levy), “Identidade e cultura – judeus portugueses no Brasil contemporâneo” (Helena Lewin), “Dois heróis lusobrasileiros: os irmãos Sequerra” (Nelson Menda), “Castro Alves e suas grandes paixões – a causa abolicionista e Mari Roberta Amzalak” (Anna Bentes Bloch), “Hebreia, musa sefaradi de Castro Alves” (Luiz Benyosef) e “Segredos da culinária sefaradi” (Viviane Behar). O Grupo de Cultura Sefaradi Angeles i Malachines, dirigido por José Behar, ilustrou a primeira e a última palestras com músicas do cancionero sefaradi. O ciclo se encerrou com uma degustação de burrecas preparadas por Viviane Behar e do doce de beringela criado pelo casal El-Mann, que venceu o 1º Concurso de Receitas Judaicas de Beringela.

Fotos: Sara M. Gruman



Foto: Estela Carber

1 - Alberto Levy e Cecília Fonseca da Silva; 2 - Helena Lewin, Nelson Menda e a diretora Clara Goldfarb; 3 - Luiz Benyosef, Clara Goldfarb e Anna Bentes Bloch; 4 - Casal El-Mann e Viviane Behar; 5 - Músicos do Angeles i Malachines; 6 - Grupo Angeles i Malachines

## Mundo árabe

As sublevações populares que continuam sacudindo o mundo árabe no Oriente Médio e no norte da África foram o tema da mesa que organizamos no dia 27 de março. As palestras, seguidas de debate, estiveram a cargo de Bernardo Kocher e Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, ambos da UFF (na foto com o diretor Jacques Gruman ao centro). Leia nas páginas 8 e 9 uma condensação da palestra do professor Paulo Hilu (à direita).



## Saudade

No dia 13 de maio, completa-se um ano do falecimento do nosso diretor Horácio Itkis Schechter. Foi um duro golpe tanto para a família e os amigos como para a **ASA**. Horácio continua fazendo muita falta e a saudade é grande.

## Pré-Seder

Pelo décimo ano consecutivo, a **ASA** celebrou Pessach com o salão lotado, no dia 17 de abril. O pré-Seder teve como convidado especial o ex-senador e prefeito Roberto Saturnino Braga (foto no alto ao microfone) e contou com a participação do **Coral da ASA**. O texto alusivo à data lido pelos diretores Gitel Bucaresky e Jacques Gruman recebeu elogios e inúmeros pedidos de cópias. Claudete Zambon, como em anos recentes, caprichou no bufê, delicioso e tão farto que muita gente voltou para casa com quentinhas de *guefilte fish* e outros pratos.



## Mulher

O **Dia Internacional da Mulher**, tradicionalmente celebrado em 8 de março, foi antecipado este ano para 27 de fevereiro, pois coincidiu com o carnaval. Clarita Paskin e Clarice Guerstein, em nome do Froien Farain, abriram o evento, falando sobre esta entidade judaica. Foi exibido um pequeno filme, dirigido por Silvio Tendler, sobre a trajetória das ativistas e seu trabalho comunitário. Em seguida, mostramos o documentário de Eunice Guttman *Nos caminhos do lixo: as catadoras de Jacutinga*, que narra a rotina de mulheres chefes de família que fazem da reciclagem do lixo um caminho para a sobrevivência e conquista da cidadania. Eunice comentou sua obra.



Clarice Guerstein, Fanny Cytryn e Clarita Paskin



Eunice Guttman



Cartas para **ASA**: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail [asa@asa.org.br](mailto:asa@asa.org.br) c.c para [smgruman@terra.com.br](mailto:smgruman@terra.com.br)  
Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

### ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001